

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Prof^a. Doutora Maria Teresa Ambrósio

Pedi ao Sr. Dr. José Maria Azevedo que fizesse uma curta síntese das áreas de optimismo e das áreas de pessimismo aqui hoje proclamadas relativamente à educação, sobretudo nos meios urbanos, após o que tentarei fazer as recomendações finais.

Dr. José Maria Azevedo

As notas que agora apresento são, a vários títulos, desprevenidas e incompletas:

1. Ficou patente que se situam em determinadas áreas urbanas, e sobretudo suburbanas, algumas das situações mais exigentes do ponto de vista do cumprimento do objectivo democrático da escolaridade para todos. Tal constitui-se como uma exigência enorme à escola e, sobretudo, obriga-nos a ressituar a política da educação num contexto de políticas sociais mais vastas.
2. A diversidade das escolas no que diz respeito ao número de alunos, à qualidade das suas instalações ou à origem social da maioria das pessoas que as frequentam (podíamos enumerar variados critérios de diferenciação) é muito vasta. Mesmo escolas que têm as mesmas condições físicas e, aparentemente, contextos sociais semelhantes acabam por ter um funcionamento diferente. Assim, é difícil estabelecer uma descrição uniforme e prescrever receitas universais para essa grande diversidade de situações: a “doença da educação”, a existir, é muito diversificada e cheia de facetas.
Poderemos juntar-nos à volta de alguns princípios e, sobretudo, de alguns caminhos, aqui identificados e exemplificados, seja à volta do que poderemos entender como territorialização

ou da importância que atribuímos às pessoas e à sua acção, seja desenvolvendo a ideia da escola como lugar público, as parcerias, etc.

3. Falou-se bastante de escola, quando o tema era a educação. Há muitas outras formas mais ou menos institucionalizadas de formação e educação, por vezes até mais bem apetrechados de recursos técnicos e financeiros do que as escolas, que me pareceu terem sido pouco referidas, ou referidas só ao de leve, e que deveriam ser incluídas nessas parcerias, de que falámos abundantemente, e nas estratégias de valorização social da educação.
4. A escola: causa ou consequência? Acho que ficou claro, sobretudo no que este encontro teve de testemunho, que a escola é uma oportunidade para se identificar alguns problemas (foi referida a fome, por exemplo); é uma oportunidade para coordenar recursos, recursos sectoriais da administração ou de outras instâncias locais; é uma oportunidade para um exercício profissional gratificante, mesmo se muitas vezes não suficientemente reconhecido e não recompensado; é uma oportunidade para muitas crianças e jovens terem experiências gratificantes, em contraste com o meio envolvente. De facto, há muita desgraça nas escolas, mas não resisto a dizer ao Sr. Prof. Pinto Machado que também há muita graça, que há escolas onde as crianças dizem: *como eu gosto de estar na escola!*
5. Exemplos de parceria, palavra muito referida, com associações e empresas, procurando respostas para problemas sociais com forte impacto na vida das escolas. Quando a fome é uma realidade primordial, a alimentação na escola trata-se de uma prioridade educativa; neste campo, foram dados alguns exemplos de envolvimento das competências da comunidade, das autarquias, dos idosos. Há que potenciar muitas formas de vivência dessas parcerias.
6. Os municípios, parceiro especialmente identificado. Apelou-se para que se ultrapasse uma concepção dos municípios unica-

mente como responsáveis pelas infraestruturas e que a sua contribuição seja entendida numa concepção mais ampla, para o que é necessário alargar os meios de forma a corresponder à magnitude dos problemas. Também aí, apesar dos constrangimentos administrativos e financeiros, verificou-se que são enormes a capacidade e a diversidade das respostas ensaiadas como novas formas de gerir a relação entre a administração e as escolas.

7. Ao falar da escola como uma oportunidade, referimo-nos também a alguns dos contributos deste último painel, à capacidade de desenvolver a escola como um meio de acolhimento, de exemplo, de educação no conflito, de educação na diferença, na democracia, na autoridade, à criação de um contexto em cada um possa desenvolver o seu texto, de um quadro para a emergência da palavra pessoal, da individualidade, ou, na linguagem da parte da manhã, à promoção de um contexto de desalienação.

Prof^a. Doutora Maria Teresa Ambrósio

Aproveito, aqui do canto esquerdo da mesa, para dizer algo que me ensinaram desde muito cedo, que a modéstia é a verdade e a verdade é a modéstia. Devemos ser modestos para dizer que este seminário foi realmente muito importante, muitas coisas se trataram e, portanto, foi um grande seminário.

Sobretudo porque, na minha perspectiva, embora talvez de uma forma ainda bastante desorganizada, como são os diálogos que procuramos estabelecer entre todos de uma forma espontânea, veio dar um passo em frente naquilo que são algumas das nossas preocupações, das nossas concepções e dos nossos projectos:

- o facto de, sobretudo na parte da manhã, termos tido a possibilidade de não confinar a relação entre escola e espaços urbanos àquilo que habitualmente vem sendo praticado, uma colaboração entre Estado e autarquias para a realização de algumas questões de administração escolar, ou de suporte escolar;
- o facto de termos ultrapassado essa mesma relação de análise entre desenvolvimento urbano e desenvolvimento-educação para além daqueles outros aspectos que vimos através dos testemunhos, e que é a grande sensibilidade de procura de soluções e capacidades de realização de muitas autarquias relativamente ao fazer face a problemas extremamente urgentes de insucesso escolar, de crianças em risco, no fundo factores sócio-culturais e económicos que condicionam até o acesso e o sucesso na escola;
- o facto de sentirmos que há uma acção paraeducativa da parte das autarquias para resolver estes problemas, que passam despercebidos ou que são menos solucionáveis de uma visão mais central e de uma visão mesmo descentralizada dos serviços do Ministério. Para além disso, é patente e extremamente comovente verificar como as autarquias, e sobretudo os municípios urbanos que aqui vieram trazer as suas experiências, conhecem os problemas e os integram na sua preocupação corrente de gestão municipal, não descurando aquelas outras crianças que, embora não vão à escola, são crianças sujeitos de educação.

Sintetizo o que me parece ter contribuído para aumentar a nossa compreensibilidade relativamente à participação e à responsabilização que todos temos que ter na questão da educação na cidade e da cidade educativa:

- o problema evidente da necessidade da descentralização, não como um modelo, como aqui foi dito, mas como resultante do entendimento das lógicas de intervenção. É extremamente significativo. O que se está a fazer na prática é já qualquer coisa de muito positivo e é do entendimento daquilo que se faz no terreno que os modelos de descentralização deverão ser equa-

cionados. O entendimento das práticas de intervenção neste momento é qualquer coisa de fundamental para se construir no diálogo a tal descentralização efectiva, a que assenta nas autonomias pedagógicas, administrativas, financeiras, curriculares, e que parece essencial para fazer desenvolver a educação e resolver os seus problemas nos meios urbanos.

- a questão da articulação dos projectos, um salto qualitativo na nossa compreensão, projectos esses de desenvolvimentos estratégicos de áreas metropolitanas que têm a sua vertente em aspectos físicos, sociais, económicos e em tudo isto há uma política integrada das autarquias. Esses projectos ditam orientações para os projectos educativos dos municípios, das cidades e, por sua vez, estes últimos devem assumir e articular-se com os projectos de escola. Esta cultura de projecto que se procura sonhar, construir, avaliar, recompor, refazer e não cultura do programa nem da norma parece-me também qualquer coisa aqui bastante acentuada.
- a ideia da procura dos protagonistas com potencialidades. Parcerias, sim senhor, mas cuidado com essa palavra! A parceria traz à co-responsabilização e à cooperação, a parceria é a expressão das potencialidades dinâmicas e, como vimos pelos testemunhos, há nas regiões e nos espaços urbanos extremas potencialidades e extremas dinâmicas.

Creio que ficaram por discutir ou por debater muitos outros aspectos, que provavelmente assim ficarão, porque ainda estamos nos primeiros passos. Refiro-me às potencialidades, ou aos meios e equipamentos, no fundo as próprias dinâmicas daquela cidade que tem valores educativos e que, portanto, poderá constituir meios, instrumentos ou vertentes através dos quais se constrói a identidade de cada um dos cidadãos e de cada uma das pessoas.

Achei extraordinariamente bonito que por várias formas, quer do lado da economia, quer do lado da sociologia, quer do lado da pedagogia, quer do lado da psicanálise, se acentuasse esta ideia tão rica, e às vezes tão longe daquilo que são os discursos, de que a escola é um espaço de

relação, é um espaço onde a pessoa tem que se encontrar, onde faz opções, onde a pessoa não pode ser aniquilada, é um espaço onde a pessoa pode sonhar projecto, é o espaço onde a pessoa pode construir-se enquanto sujeito da sua própria educação.

Creio que o valor da educação vista nesta perspectiva é algo extremamente fecundo para que possamos, nas nossas práticas, vir a encontrar estas relações positivas de desenvolvimento da educação e desenvolvimento dos meios urbanos.

A única coisa que o Conselho Nacional de Educação pode fazer, e faço-o com todo o gosto, é agradecer profundamente a disponibilidade das pessoas que ficaram até esta hora, das pessoas que intervieram, de todas as pessoas e de todo o *staff* que preparou e tornou possível esta realização.

Tudo o que aqui se discutiu irá ser difundido, como habitualmente, através das actas. Mais, qualquer coisa me levou a pensar que, se tivermos capacidade e os Senhores Conselheiros comigo quiserem reflectir, o Conselho Nacional de Educação poderia fazer um fórum que demonstrasse as dinâmicas existentes no terreno e que estão bem patentes em tantos projectos de inovação aqui apresentados.

Na realidade, como disseram os Senhores Professores desta mesa, o sistema educativo está doente, mas há imensas capacidades de vida nas escolas, nos terrenos, nos grupos de professores, e penso que também é bom olhar para algumas estrelas e algumas possibilidades inovadoras.

Creio que seria interessante, como resultado final deste seminário, que o Conselho Nacional de Educação também pudesse vir a realizar um conjunto de recomendações relativamente à reorganização ou às políticas educativas dos meios urbanos, que pudessem posteriormente ser apresentadas depois deste debate quer ao Governo, quer à Assembleia da República, quer a outros parceiros.

E por tudo isto muito obrigada. Pessoalmente, foi para mim um dia extremamente rico. Penso que todos iremos daqui mais animados e não

nos deixaremos abater pelas doenças tão graves que afectam o sistema educativo.

Muito obrigada.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO